

S. Paulo, 11,7,1904

Rangel:

Quanta atribulação, meu caro! Tua ultima chegou no momento em que eu partia para Taubaté, na folga do mês de greve que nos deu esta nossa inefavel academia. Fui com planos de responder de lá_ mas sobrevieram atribulações. Andei leguas a cavalo, lá pelos sertões do Buquira, e cheguei até às raías de Minas. Voltei para Taubaté derreado, bambo. Tive lá o Candido uma noite por vinte minutos, elegante, raro, com projetos de tres meses em França. E cá estou de novo em S. Paulo_ mas ainda atribulado. Mudei-me para um quarto de frente na rua Araujo 26, com um lampião de rua bem junto á minha janela. Tenho luz de graça. E defronte ha uma visinha janeleira que já piscou. Em vez de namora-la, meti-me pelo futebol_ Palmeiras. Joguei varios dias seguidos e fiquei mais derreado que com as leguas do sertão. Estou cheio de pisaduras e dodóis.

Isto deve ser o que na *Vida Intensa* o Th. Roosevelt quer. O futebol empolgou-me de alma e corpo; escrevo crônicas de futebol e jôgo. Diz o Tito que é mania_ e diz-lhe o Raul: “Jacques, tu es un anê”. Seja como for, asseguro-te que o futebol apaixona e contunde.

Ricardo viveu duas semanas de sonhos com *O Corvo*. O mesmo *Gato* de outrora com mudança de nome apenas. E com o mesmo calor com que miavamos o *Gato* em nossa mesinha do Café Guarani, passamos a crocitar o *Corvo*. O Breves andava querendo reviver *O Combatente* e Ricardo propôs-lhe que mudasse o nome para *O Corvo*. Breves devia ter amarelado por dentro, mas de medo não contrariou. Concordou e foi preparar a traição. Ricardo precisava dum *Corvo* para demolir um poeta Simões Pinto que de vez em quando espicha um sonetinho aqui e ali. O primeiro vôo estava marcado para o dia primeiro; na mesinha sabiamos de cor todas as maravilhas do numero. Havia até um artigo do Mario Corvo, aquele corvo legitimo de Minas. Pois no melhor da historia o Breves acovarda-se e foge_ desiste de lançar o jornaleco! Grande furia do Ricardo. Bufos. Raul suspira. Albino dá de ombros.

O caso do *Minarete* foi uma sorte grande nossa, Rangel. Não se repete. Não ha dois Benjamins no mundo e nunca haverá outro diretor de jornal tão passivo como aquele. Eu era para ele um dogma. Era eu dizer e era ele executar. Ficou de tal modo submisso, logo no começo do nosso curso naquela republica da Alameda dos Andradas, que até seus namoros eram conduzidos por mim. Benjamim recebia as cartas da namorada em Pinda e eu preparava as respostas. Certa vez ia ele saindo para a aula quando o carteiro chegou. Havia carta de namoro. E o Benjamim entregou-me a carta fechada: “Estou sem tempo, Lobato. Leia e responda”. E eu conduzi tão bem esse amor, fiz cartas tão progressivamente amorosas, que quando

chegaram as férias e ele se foi, eu disse cá comigo: “Encontram-se e casam-se galopantemente”. Mas saiu o contrario. No ano seguinte, quando terminadas as férias o Benjamim voltou, a primeira carta que do namoro recebeu foi do rompimento. Dizia na essência isto: “ Tudo está terminado entre nós. Alguma outra mulher anda metida no meio. Você não é o mesmo das cartas, Benjamim. Em vez do ardor que eu esperava, só encontrei um gelo...”.

Bom, a cama está a chamar este corpo contuso. Adeus.

LOBATO